

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL *CAMPUS* CERRO LARGO

LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E ESPANHOL

VANESSA DA COSTA EICH

**A LINGUAGEM DO HOMEM DO CAMPO REPRESENTADA NA FALA DO
PERSONAGEM CHICO BENTO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA**

CERRO LARGO 2025

VANESSA DA COSTA EICH

**A LINGUAGEM DO HOMEM DO CAMPO REPRESENTADA NA FALA DO
PERSONAGEM CHICO BENTO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Português e Espanhol, da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Português e Espanhol.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Cecilia Teixeira Gonçalves

CERRO LARGO 2025

Dedico este trabalho aos meus filhos, José Augusto e Skol.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus, por me conceder forças nos momentos mais difíceis, por me guiar com fé e esperança, e por nunca permitir que eu desistisse do meu sonho. Sua presença constante foi o alicerce que sustentou cada passo dessa jornada.

Aos meus pais, Cleuza e Julci, meus maiores incentivadores, que sempre acreditaram em mim e não mediram esforços para que eu chegasse até aqui. Cada conquista minha carrega o amor, a dedicação e o apoio incondicional de vocês. Muito obrigada por tudo.

Ao meu marido, que esteve ao meu lado em todos os momentos, dividindo o peso da caminhada com paciência, companheirismo e amor. Seu apoio silencioso e firme foi essencial para que eu seguisse em frente.

Ao meu filho, José Augusto, que trouxe luz, leveza e um novo sentido a toda essa trajetória. Com você, minha caminhada acadêmica se tornou mais bonita, mais forte e cheia de significado. Você é, sem dúvida, minha maior inspiração.

À minha orientadora, Ana Cecília, a quem sou profundamente grata. Sem você, com certeza, eu não teria conseguido. Obrigada por cada incentivo, por acreditar no meu potencial e, acima de tudo, por não soltar a minha mão quando eu mais precisei. Sua orientação foi um verdadeiro presente nessa caminhada.

À banca avaliadora, meu sincero agradecimento pela generosidade em dedicar tempo à leitura e análise deste trabalho. Suas contribuições foram fundamentais para o aprimoramento desta pesquisa, e levarei comigo cada observação e aprendizado.

VANESSA DA COSTA EICH

**“A LINGUAGEM DO HOMEM DO CAMPO REPRESENTADA NA FALA DO
PERSONAGEM CHICO BENTO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA DA
SOCIOLINGUÍSTICA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de
Letras – Português e Espanhol, da Universidade Federal da
Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de
Licenciatura em Letras – Português e Espanhol.

Este trabalho de conclusão foi defendido e aprovado pela banca em:

14 / 07 / 2025

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 **ANA CECILIA TEIXEIRA GONCALVES**
Data: 14/07/2025 21:07:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Ana Cecilia Teixeira Gonçalves
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **ANGELISE FAGUNDES DA SILVA**
Data: 14/07/2025 20:24:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Angelise Fagundes da Silva
Avaliadora

Documento assinado digitalmente
 **DEMETRIO ALVES PAZ**
Data: 15/07/2025 15:30:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Demétrio Alves Paz
Avaliador

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Eich, Vanessa da Costa
A LINGUAGEM DO HOMEM DO CAMPO REPRESENTADA NA FALA DO
PERSONAGEM CHICO BENTO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA / Vanessa da Costa Eich.
-- 2025.
35 f.:il.

Orientadora: Doutora Ana Cecília Teixeira Gonçalves

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Cerro
Largo, RS, 2025.

1. variação linguística. 2. sociolinguística. 3.
preconceito linguístico. I. Gonçalves, Ana Cecília
Teixeira, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a representação da linguagem do homem do campo nas tirinhas e Histórias em Quadrinhos – HQs – do personagem Chico Bento, à luz dos estudos da Sociolinguística. Parte-se do pressuposto de que a linguagem é uma construção social e identidade cultural, e que as variedades linguísticas populares, especialmente as rurais, frequentemente são alvo de estigmas e preconceitos. Para tanto, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com base em autores como Labov, Bagno, Alkmim e Faraco, e realiza uma análise de conteúdo de seis histórias de Chico Bento, selecionadas por apresentarem traços marcantes da fala rural. A investigação identificou traços linguísticos próprios da variedade caipira e buscou compreender o modo como tais formas são retratadas e percebidas. Os resultados evidenciam que, embora as tirinhas e HQs possam valorizar aspectos culturais da linguagem rural, também reforçam estereótipos e práticas de preconceito linguístico, especialmente quando associam a fala do personagem à ingenuidade ou ignorância. Conclui-se que reconhecer a legitimidade das variedades populares é essencial para a construção de uma educação linguística inclusiva, crítica e respeitosa à diversidade.

Palavras-chave: Sociolinguística; variação linguística; linguagem rural; Chico Bento; preconceito linguístico.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar la representación del lenguaje del hombre del campo en las historietas del personaje Chico Bento, a la luz de los estudios de la Sociolingüística. Se parte del supuesto de que el lenguaje es una construcción social y una expresión de la identidad cultural, y que las variedades lingüísticas populares, especialmente las rurales, suelen ser objeto de estigmatización y prejuicio. Para ello, la investigación adopta un enfoque cualitativo, basado en autores como Labov, Bagno, Alkmim y Faraco, y realiza un análisis de contenido de siete historietas de Chico Bento, seleccionadas por presentar rasgos marcados del habla rural. La investigación identificó rasgos lingüísticos propios de la variedad caipira y buscó entender la forma en que se representan y perciben dichas formas. Los resultados evidencian que, aunque las historietas pueden valorar aspectos culturales del lenguaje rural, también refuerzan estereotipos y prácticas de prejuicio lingüístico, especialmente cuando asocian el habla del personaje con la ingenuidad o la ignorancia. Se concluye que reconocer la legitimidad de las variedades populares es esencial para construir una educación lingüística inclusiva, crítica y respetuosa de la diversidad.

Palabras clave: Sociolingüística; variación lingüística; lenguaje rural; Chico Bento; prejuicio lingüístico.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. O ESTUDO CIENTÍFICO DA LÍNGUA.....	13
3. A LINGUAGEM: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE.....	14
4. O FALAR RURAL E SUAS PARTICULARIDADES.....	16
5. METODOLOGIA.....	20
6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	22
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
8. REFERÊNCIAS.....	34

1. INTRODUÇÃO

A linguagem é uma das mais importantes formas de expressão e construção da identidade social e cultural dos indivíduos. No Brasil, país marcado por uma grande diversidade linguística, as variações regionais e sociais da língua falada, muitas vezes, são alvo de julgamentos e estigmas. Nesse contexto, a fala do homem do campo costuma ser representada na mídia e na literatura por meio de traços linguísticos que evidenciam suas diferenças em relação à variedade de prestígio da língua portuguesa (Bago, 2007). Sob esse enfoque, observam-se situações de preconceito linguístico com relação a essa comunidade de fala.

Conforme Bago (1999), o preconceito linguístico ocorre por dois fatores. O primeiro é o sentimento de superioridade, em que um dos falantes considera o seu modo de falar melhor do que o dos outros. E o segundo fator é o desconhecimento sobre os estudos linguísticos, levando assim o falante a discriminar as demais formas de falar.

Para analisar o preconceito linguístico, é necessário compreender a Sociolinguística e distinguir a Língua, compreendida, conforme Labov (1972), como sistema marcado por alterações, por variações relacionadas à sociedade, um fato social, da Gramática Normativa, que, conforme Bago (2007), diz como deve ser falada ou escrita a língua, utilizando julgamentos como certo e errado.

A Sociolinguística nasceu da necessidade de existência de um estudo que relacionasse língua e sociedade, levando em consideração o falante e o seu contexto social. Como afirma Labov (1972, p. 221), “é comum que uma língua tenha diversas maneiras de dizer ‘a mesma’ coisa”; considerando que a língua é heterogênea e todos os falantes são diferentes, o seu modo de falar irá depender de sua comunidade linguística. Desse modo, “de maneira simples e direta, podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso” (Alkmim, 2001, p.31).

Segundo Alkmim (2001, p. 33), em todas as línguas faladas, existem as variações, podendo ser afirmado que nenhuma língua representa uma entidade

homogênea. As línguas e as variações são inseparáveis; ignorar isso é reduzir o entendimento acerca do fenômeno linguístico.

No contexto brasileiro, marcado por ampla diversidade linguística, as variedades regionais e sociais da língua frequentemente são marginalizadas, sobretudo aquelas associadas a grupos historicamente menos prestigiados. Entre essas variedades, destaca-se a fala do homem do campo, que costuma ser retratada por meio de traços linguísticos característicos da oralidade e do meio rural. Nas produções culturais, como as tirinhas e HQs, essas representações linguísticas podem reforçar estereótipos ou, ao contrário, promover uma valorização da diversidade linguística.

Nesse contexto, um dos personagens mais emblemáticos na representação da fala rural é o Chico Bento, criado por Mauricio de Sousa, que, desde a década de 1960, retrata o cotidiano do homem do campo em histórias em quadrinhos voltadas ao público infantil. A linguagem utilizada pelo personagem é marcada por traços característicos da fala caipira, como a troca de fonemas, o uso de formas não padronizadas e expressões típicas da zona rural. Essa representação, ainda que carregada de elementos culturais autênticos, pode também refletir estereótipos e reforçar preconceitos linguísticos.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo geral analisar a representação da linguagem do homem do campo nas tirinhas e HQs do personagem Chico Bento. A proposta parte do entendimento de que a linguagem é uma das principais formas de expressão da identidade cultural e social dos indivíduos, sendo também um espaço onde se manifestam julgamentos e estigmas.

A escolha do tema se justifica pela necessidade de compreender como essas representações da linguagem rural, presentes em obras destinadas ao público infantil, influenciam a percepção social da fala do homem do campo. Diante da valorização excessiva da variedade de prestígio no contexto escolar e social, torna-se essencial refletir sobre os impactos que a associação entre linguagem não prestigiada e inferioridade social pode provocar. Assim, este trabalho propõe-se a investigar como a linguagem do homem do campo, representada na fala do Chico Bento, pode desenvolver o preconceito linguístico em crianças leitoras de tirinhas e HQs. Analisar o modo como a fala do personagem é

retratada contribui para identificar possíveis marcas de preconceito linguístico e discutir o papel da mídia na reprodução ou desconstrução de estigmas.

As histórias do personagem Chico Bento, voltadas principalmente ao público infantil, apresentam um vasto repertório de elementos da fala rural, o que torna esse material relevante para uma análise sociolinguística. Considerando que o público leitor dessas histórias está em fase de construção de valores sociais e linguísticos, é fundamental refletir sobre os efeitos que tais representações podem provocar na formação de atitudes em relação à linguagem e aos falantes das variedades populares.

Dessa forma, este estudo busca identificar os traços linguísticos presentes na fala do personagem, observar a comparação realizada entre essas formas e a variedade de prestígio da língua portuguesa e analisar se há marcas de preconceito linguístico nas representações. Além disso, pretende-se refletir sobre os possíveis impactos dessas representações na formação de leitores.

2. O ESTUDO CIENTÍFICO DA LÍNGUA

A linguagem é uma herança social, tendo como objetivo a interação, sendo criado um campo infinito de possibilidades de fala. Desde a antiguidade, a linguagem desperta muito interesse na humanidade, a partir da conexão da imagem com as palavras utilizadas para sua representação, até o fenômeno das variações.

Há muito tempo, a existência da variação linguística foi vista como algo negativo, uma vez que, para os “filósofos da cidade de Alexandria, no Egito, no século III a.C.-, a variação era um ‘problema’, era um ‘defeito’ da língua, que precisava ser corrigido” (Bagno, 2007, p.87). Surge assim a Linguística, que “pretende ser uma visão científica da linguagem, um estudo descritivo e explicativo de todos os aspectos da língua” (Bagno, 2007, p. 87). Enquanto a variedade de prestígio dita como a língua “deve ser” — impondo regras normativas e julgamentos de certo e errado —, a linguística moderna busca compreender “como a língua é” em seu uso real e dinâmico, considerando suas variações e contextos (Bagno, 2007).

Nesse contexto, a Sociolinguística é a área que se dedica a estudar a inter-relação entre a linguagem e os fatores sociais e culturais da produção linguística. Surgiu no ano de 1964, em um congresso, organizado por William Bright, do qual vários estudiosos participaram (Alkmim, 2001). Em 1966, esse grupo de estudiosos organizou e publicou a obra “Sociolinguistics”, que determinava o seguinte: “o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística” (Alkmim, 2001, p.28).

Um ponto básico da Sociolinguística é que a língua sofre variações linguísticas, mais do que isso, as variações ocorrem na fala das pessoas e são perceptíveis quando analisamos a língua no tempo. Conforme relata Alkmim (2001, p. 32),

Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar.

Como afirma Alkmim (2001, p.21), “linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável [...] essa relação é a base da constituição do ser humano”. Assim, a partir dos estudos da Sociolinguística, os conceitos errôneos e limitados sobre a língua foram se desfazendo; passa-se a se preocupar fundamentalmente com a descrição dos fenômenos linguísticos e das variantes linguísticas, sem as avaliações de certo ou errado da gramática normativa, mas, ao contrário, marcada pela descrição e explicação.

3. A LINGUAGEM: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE.

A linguagem é um elemento central na constituição da identidade dos indivíduos e dos grupos sociais. Segundo Bakhtin (2003), o discurso é sempre situado historicamente e socialmente, sendo atravessado por múltiplas vozes e sentidos. A forma como um sujeito fala reflete sua vivência, sua cultura, seu lugar social e seu pertencimento. Dessa forma, não existe uma única maneira “correta” de

falar, mas sim diferentes variedades linguísticas que coexistem dentro de uma mesma língua.

A fala do homem do campo, por exemplo, carrega traços linguísticos específicos que estão relacionados à sua realidade social, geográfica e cultural. Esses traços, longe de serem “erros”, são marcas legítimas de uma variação regional da língua portuguesa, também chamada de “fala caipira” ou “rural”, e devem ser compreendidos dentro da perspectiva sociolinguística, que reconhece a legitimidade das variedades populares (Bagno, 2007).

Segundo Bakhtin (1992), a linguagem é, por essência, um fenômeno social e ideologicamente marcado. O autor afirma que toda enunciação é fruto de uma interação entre sujeitos socialmente organizados, ou seja, a palavra não é neutra: ela é sempre atravessada por intenções, valores e posicionamentos ideológicos. Como reforça Faraco (2009, p. 61), “o que lhes interessa é aquilo a que Voloshinov se refere como o ‘colóquio ideológico em grande escala’ [...] ou o que Bakhtin chama de ‘o simpósio universal’”. Assim, a linguagem carrega consigo marcas do contexto histórico, cultural e social no qual é produzida, refletindo as relações de poder e os modos de vida dos grupos que a utilizam.

Na perspectiva da Sociolinguística, especialmente na visão de Labov (1972), toda comunidade linguística apresenta variações na fala e essas variações são determinadas por fatores sociais e geográficos, como idade, sexo, classe social, região geográfica entre outros. A forma como alguém fala não é resultado de falta de conhecimento, mas sim de adequação a um determinado grupo e às suas normas linguísticas internas.

A visão tradicionalista da língua, que valoriza apenas a variedade de prestígio, desconsidera essa diversidade e, continuamente, impõe julgamentos negativos sobre os falantes das variedades estigmatizadas. Isso é especialmente perceptível na forma como a linguagem do homem do campo é retratada na sociedade: reiteradamente vista como inferior, errada ou “engraçada”, sua fala é marcada por estigmas sociais que afetam diretamente a construção da identidade dos sujeitos que dela fazem uso. Portanto, compreender a linguagem como construção de identidade é fundamental para analisar representações culturais, como as de Chico Bento. O modo como o personagem fala não apenas retrata uma forma de expressão regional, mas também revela como essa

identidade é percebida, valorizada ou desvalorizada socialmente. Ao analisar a linguagem do personagem, é possível refletir sobre os processos sociais que envolvem o reconhecimento ou a marginalização de certas formas de falar e, conseqüentemente, de ser.

4. O FALAR RURAL E SUAS PARTICULARIDADES

A linguagem do homem do campo é caracterizada por uma série de traços linguísticos que a distinguem da fala urbana e das variedades de prestígio. Essas particularidades estão ligadas diretamente ao modo de vida rural, às práticas culturais locais e à transmissão oral do conhecimento entre as gerações.

Do ponto de vista fonético e fonológico, é comum observar fenômenos como a redução de ditongos, a eliminação de sons finais e a pronúncia arcaica de certas palavras. Esses processos, embora distintos das variedades de prestígio, seguem padrões estáveis e coerentes, como apontam Barreto e Massini-Cagliari (2016), ao analisarem vestígios do português arcaico no português brasileiro. O uso de formas como “prantá” no lugar de “plantar” ou “dispois” em vez de “depois”, por exemplo, revela um padrão fonológico que, embora diferente das variedades de prestígio, possui regras internas estáveis e coerentes. Nesse sentido, conforme Faraco (2009), a fala concreta é sempre uma manifestação única, situada e determinada socialmente, o que evidencia a legitimidade da fala rural como expressão linguística válida e significativa.

Lexicalmente, o vocabulário do meio rural é rico em regionalismos, termos ligados à lida do campo, à natureza, aos animais e às ferramentas do cotidiano. Palavras como “guampa”, “canha”, “mangueira” e expressões como “tá encilhado” ou “larguei de mão” são carregadas de significados culturais e marcam a identidade regional. Segundo Bagno (2007), o uso desses regionalismos é fundamental para a construção da identidade cultural dos grupos sociais, sobretudo no meio rural, onde tais termos reforçam laços comunitários e funcionam como resistência às variedades de prestígio impostas socialmente.

Além disso, Labov (1972) destaca que a variação linguística, incluindo as formas regionais, é um fenômeno natural e sistemático da língua. Para o autor, esses

elementos linguísticos específicos possuem valor sociocultural legítimo e comunicativo próprio e devem ser reconhecidos como manifestações autênticas da diversidade linguística, e não como formas inferiores ou incorretas. Dessa forma, o vocabulário e as particularidades fonológicas do meio rural evidenciam o papel da linguagem não apenas como modo de interação e de comunicação, mas também como um forte elemento de identidade e cultura regional.

Na dimensão morfossintática, o uso de construções que divergem das variedades de prestígio é comum no meio rural. Bagno (2007) aponta que a omissão de pronomes e a flexão verbal simplificada são marcas da oralidade e da economia da fala, refletindo o contexto informal das interações nesses ambientes. Labov (1972) reforça que tais variações fazem parte do sistema linguístico natural e não configuram erro, mas sim adaptações sociolinguísticas legítimas. Bechara (2009) observa que essas construções morfossintáticas contribuem para a identidade regional e cultural, mostrando que as variedades de prestígio não são a única forma válida de expressão linguística. Como aponta Bagno (1999, p. 122), “o que se chama de ‘erro de português’ nada mais é do que a forma como o outro fala”, reforçando que o juízo de valor sobre uma variedade linguística é muitas vezes resultado de preconceito social disfarçado de correção gramatical.

É importante destacar que essas variações não representam “erros”, mas sim diferentes formas da realização da língua, legítimas e funcionais dentro de seus contextos. Conforme argumentam tanto Faraco (2009) quanto Bagno (1999), reconhecer a diversidade linguística é essencial para compreender a linguagem como fenômeno social. A sociolinguística moderna reafirma que toda forma de fala possui uma lógica interna e reflete a realidade sociocultural do grupo a que pertence. Assim, o falar rural é um exemplo concreto da diversidade linguística existente no Brasil, sendo uma fonte rica para estudos que valorizam a pluralidade e combatem visões normativas que marginalizam essas formas de expressão. Sob esse enfoque, valorizar essa variedade é um passo importante na direção de uma educação linguística mais inclusiva, respeitosa e democrática.

5. PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A DESVALORIZAÇÃO DO FALAR RURAL

No contexto social se faz notável o emprego da palavra preconceito diante de vários outros termos, indicando as diversas manifestações do preconceito entre os seres humanos. Ouvem-se e presenciam-se, com certa frequência, práticas de preconceito social, racial, religioso, sexual, de gênero, preconceito físico, etc. acontecendo das mais variadas formas. Desse modo, de acordo com Houaiss, Villar e Franco (2004, p. 589), preconceito é o “julgamento ou opinião concebida previamente”; a “opinião formada sem fundamento justo ou conhecimento suficiente”. Geralmente o preconceito é criado a partir de discriminações, sendo todos os tipos de preconceitos prejudiciais.

Como afirma Leite (2008), o preconceito e a discriminação estão socialmente ligados, porém eles têm significados diferentes. O preconceito faz um julgamento, enquanto a discriminação é uma manifestação desse preconceito, normalmente apresentada por meio de um tratamento diferente que se dá à pessoa que sofre o preconceito.

Além do preconceito, existe a intolerância que, frequentemente, passa despercebida em nosso cotidiano. Como afirma Leite (2008, p. 13): “A intolerância linguística passa quase despercebida pela opinião pública e não provoca sérios abalos sociais, da mesma forma que aqueles provenientes da intolerância religiosa ou política, parece nem existir”. Embora a intolerância e o preconceito pareçam ser sinônimos, é importante ressaltar que o preconceito é um julgamento sem conceitos, enquanto a intolerância é a dificuldade de conviver com as diferenças.

O preconceito linguístico é uma forma de discriminação baseada na maneira como as pessoas falam. Ele ocorre quando uma variedade linguística é julgada inferior por não se adequar à norma-padrão, geralmente associada à linguagem escrita formal e às classes sociais mais prestigiadas. Tal julgamento não se sustenta linguisticamente, pois todas as variedades possuem regras próprias e

cumprem perfeitamente suas funções comunicativas dentro de suas comunidades de fala.

Segundo Bagno (1999), o preconceito linguístico é um dos poucos preconceitos sociais ainda amplamente naturalizados e aceitos. Ele costuma mascarar outras formas de discriminação, como o preconceito de classe, de origem ou de escolaridade. Desse modo, a crítica à forma de falar de um indivíduo frequentemente carrega uma crítica implícita à sua condição social ou cultural. No contexto rural, a variação linguística manifesta-se de forma marcante, com expressões regionais, construções sintáticas diferentes das variedades de prestígio e um vocabulário associado ao cotidiano da vida no campo. No entanto, essa forma legítima de uso da língua comumente é rotulada como “errada” ou “inferior”, gerando um processo de estigmatização. Como aponta Bagno (1999), esse julgamento negativo leva muitos falantes a desenvolverem insegurança linguística — sentimento de inadequação ao se expressarem fora do seu contexto habitual.

A escola, muitas vezes orientada por uma perspectiva normativa, reforça esse preconceito ao valorizar apenas as variedades de prestígio, ignorando a diversidade linguística dos alunos. Faraco (2009) destaca que a linguagem é uma prática social, situada historicamente e culturalmente; logo, nenhuma variedade é intrinsecamente superior a outra. A imposição de uma única forma de falar apaga identidades e deslegitima outras formas de expressão.

Reconhecer o valor das variedades rurais é essencial para promover uma educação linguística mais inclusiva e crítica. Além disso, valorizar a fala do campo é também uma forma de resistência cultural e afirmação identitária, uma vez que muitos falantes preservam com orgulho suas formas de expressão por estarem ligadas às suas origens e tradições.

6. METODOLOGIA

O presente trabalho adota uma abordagem qualitativa, uma vez que busca interpretar e compreender como a linguagem do homem do campo é representada nas tirinhas e HQs do personagem Chico Bento. Nesse contexto, a metodologia usada volta-se, inicialmente, para a pesquisa bibliográfica, a partir da qual são estudados autores considerados referência na área da Sociolinguística: Labov (1972), Bagno (1999, 2007), Alkmim (2001) etc. Em um segundo momento, parte-se para a análise de conteúdo, conforme proposta por autores como Bardin (2011), no que se refere à identificação de temas, padrões e significados dentro de um *corpus* textual, no caso, as falas presentes nas tirinhas e HQs.

Desse modo, o *corpus* da pesquisa é composto por seis histórias do personagem Chico Bento, extraídas de publicações na internet que fazem referência a edições publicadas entre os anos de 1990 a 2014. Os critérios de seleção das tirinhas e HQs consideraram o seguinte: a) a presença evidente da fala do personagem Chico Bento; b) situações em que sua linguagem seja central para o enredo ou para o humor; c) a diversidade de interlocutores (outros personagens, adultos, figuras urbanas etc.); d) possíveis ocorrências de julgamento, correção ou contraste linguístico.

Partindo dessa perspectiva sociolinguística, unindo a pesquisa bibliográfica com a análise de conteúdo, a análise das tirinhas e HQs do Chico Bento se dá com base nas seguintes categorias: 1) identificação dos traços linguísticos marcadamente rurais; 2) observação da comparação realizadas com as variedades de prestígio; 3) identificação de possíveis marcas de preconceito linguístico. O quadro, abaixo, apresenta essas informações.

Quadro 1 – Categorias de análise

1. Identificação dos traços linguísticos marcadamente rurais:

- Fonológicos (ex: "ocê" em vez de "você", "prucê" em vez de "para você");
- Morfossintáticos (ex: omissão de concordância verbal ou nominal);
- Lexicais regionais (ex: palavras ou expressões típicas do campo).
-

2. Observação da comparação realizada com as variedades de prestígio:

- Verificação das diferenças em relação à variedade linguística de prestígio;
- Reflexão sobre o caráter sistemático das formas usadas por Chico Bento.
-

3. Identificação de possíveis marcas de preconceito linguístico:

- Momentos em que o modo de falar do personagem é motivo de piada, correção ou desvalorização;
- Relação entre fala rural e julgamento social implícito (ou explícito) na narrativa.
-

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Bagno (2007).

É interessante destacar que a discussão crítica dos dados será feita com base na fundamentação teórica. A ideia é relacionar as observações com os conceitos de variação linguística, estigma, identidade social e preconceito. Na continuidade, apresenta-se a análise.

7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para organizar os dados coletados, foi elaborado um quadro de análise para cada tirinha e/ou HQ, como apresentado a seguir:

Quadro 2 - História 1

História 1



Contexto	Excerto da fala	Traços linguísticos	Observação da comparação realizada com a variedade de prestígio	Possível preconceito	Observação
Chico Bento conversa com outro personagem sobre "sinais misteriosos" na plantação.	"Como aquela vez qui ocê viu uma luiz" / "Deve di sê istranho, memo!" / "Círculo quadrado é qui eu nunca vi!"	"ocê" "qui" "istranho" "veiz" "luiz" "memo" "sinar" "deve di sê"	Difere da variedade de prestígio na pronúncia ("qui" por "que", "veiz" por "vez") e nas construções ("deve di sê").	A fala de Chico é tratada com humor e estranhamento pelo outro personagem, reforçando estereótipos.	A linguagem é usada para marcar a identidade rural, diferenciando-a da comunidade urbana e causar riso, o que contribui para o estigma.

		"é qui eu nunca vi"			
--	--	---------------------	--	--	--

Fonte: DAMASCENO, Marli Ferreira de Carvalho; SAMPAIO, Raqueline Castro de Sousa. **A representação das variações linguísticas na fala de Chico Bento, de MauríciodeSousa**. ResearchGate, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-tirinha-do-Chico-Bento_fig3_362009457. Acesso em: 29 de maio de 2025.

A análise da HQ permite compreender, de forma mais aprofundada, como o preconceito linguístico se manifesta sutilmente por meio da linguagem utilizada pelos personagens. Na HQ, Chico Bento conversa sobre “sinais misteriosos” na plantação, utilizando formas como “veiz”, “luiz” e “qui ocê viu”. A fala do personagem apresenta elementos fonéticos marcantes, como a troca do /e/ por /i/ e a elisão, além do uso do pronome “ocê”. Esses traços são característicos da fala caipira e revelam uma norma linguística estável, ainda que distinta da variedade de prestígio. Como destaca Labov (1972), todas as variedades linguísticas são sistemáticas e regulares e não devem ser tratadas como versões erradas da língua. No entanto, na HQ, essas marcas são usadas como estratégia humorística, sustentando um estereótipo de ingenuidade e limitação intelectual.

Quadro 3 - História 2

História 2



Contexto	Excerto da fala	Traços linguísticos	Observação da comparação realizada com a variedade de prestígio	Possível preconceito	Observação

Chico recebe suas notas e é repreendido pela professora por não falar segundo a variedade de prestígio.	“Quar são as minha nota?” / “i eu quivô sabê!”	“quar” “sabê” “as minha nota”	Há ocorrência de falta de concordância, omissão de plural e uso de formas “populares” da fala.	A professora interrompe e corrige Chico com rigidez, punindo-o por sua forma de falar.	A HQ explicita o preconceito linguístico na escola, ambiente que deveria promover inclusão e valorização do fenômeno da variação linguística.
---	--	-------------------------------------	--	--	---

Fonte: SOUSA, Maurício de. Tirinha do Chico Bento. [S.l.]: QConcursos, [s.d.]. Disponível em: <https://www.qconcursos.com/questoes-de-concursos/questoes/b89f078f-d0>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

Na segunda história, Chico é repreendido pela professora ao perguntar “quar são as minha nota?”, sendo corrigido com severidade. A construção revela apagamento do plural (“as minha nota”), redução da forma interrogativa (“quar”

“quais”) e flexão verbal simplificada. A atitude da professora representa uma prática comum nas instituições de ensino: a correção sem acolhimento, que, segundo Bagno (1997, p. 28), contribui diretamente para o preconceito linguístico:

Esses preconceitos fazem com que a criança que chega à escola falando [...] seja considerada uma “deficiente “linguística”, quando na verdade ela simplesmente fala uma língua *diferente* daquela que é ensinada na escola.

Segundo Faraco (2009), essa abordagem reforça a visão excludente de que apenas a variedade de prestígio é legítima, ignorando a função comunicativa da linguagem e desvalorizando o repertório dos estudantes oriundos de classes populares ao chegarem à escola.

Quadro 4 - História 3

História 3					
					
Contexto	Excerto da fala	Traços linguísticos	Observação da comparação realizada com a variedade de prestígio	Possível preconceito	Observação
Chico conta por que não conseguiu um emprego ao ver um anúncio que exigia candidatos de “ambos os sexos”.	“ocê num ia travaia”/ “i daí, qui eu só tenho um!”	“ocê” “trabaia” “num ia”	Uso informal e interpretações literais de expressões comuns; confusão semântica e uso literal da fala.	A “piada” se baseia na ignorância atribuída à fala e ao entendimento do personagem rural ao interpretar o anúncio que exigia candidatos de “ambos os sexos”.	Humor construído a partir da exploração da suposta ignorância do personagem.

Fonte: BERTOLDO, Juciene. *Português – 1º ano – Ensino Fundamental*. [S.l.]: [s.n.], 2014. Disponível em: <https://jucienebertoldo.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/02/portugues1ef.pdf>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

Em uma terceira história, o personagem interpreta literalmente a expressão “ambos os sexos”, dizendo que só possui um. O humor é construído sobre a aparente incompreensão da linguagem formal, o que reforça a associação entre linguagem não prestigiada e baixo nível de letramento. É possível identificar formas como “vô sabê” e “ocê num ia travaia”, em que há elisão (“vô” por “vou”) e a falta de palatalização, situação em que há perda da consoante palatal e substituição por vogal ou semivogal (Bagno, 2007). Assim, a atribuição de ignorância ao falante da variedade popular é uma prática de discriminação social disfarçada de correção gramatical. Nesse sentido, Bagno (1999, p. 64) destaca:

Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola- gramática-dicionário é considerada, pela ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”.

Assim, a HQ vai além do humor: ela evidencia um julgamento social disfarçado de “norma culta”, expondo como as formas populares da linguagem são vistas como inferiores, quando, na verdade, representam apenas uma das muitas variedades legítimas da língua portuguesa. O humor, nesse caso, funciona como uma crítica indireta ao preconceito linguístico presente no cotidiano, reforçando a necessidade de refletir sobre as relações entre linguagem, poder e exclusão social.

Quadro 5 - História 4

História 4



Contexto	Excerto da fala	Traços linguísticos	Observação da comparação realizada com a variedade de prestígio	Possível preconceito	Observação
Chico pede uma história curta à mãe, justificando sua escolha.	"Pruquê cas história grande eu cabo drumindo na metade i fico sem sabê o finar!"	"pruquê" "cas" "eu cabo drumindo" "sem sabê o finar"	Expressões foneticamente marcadas regionalmente: "pruquê"/porque "cas"/com as	Uso da fala do Chico como recurso cômico, sugerindo ingenuidade ou simplicidade.	Tom afetivo da mãe, mas a fala ainda reforça estereótipos do falante rural como ingênuo.

Fonte: QCONCURSOS. Questão com tirinha do Chico Bento. 2025. Disponível em: <https://www.qconcursos.com/questoes-de-concursos/questoes/a4caadf9-0c>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

Na quarta tirinha, Chico diz que prefere histórias curtas, pois nas grandes “eu cabo drumindo”. A fala do personagem traz marcas características da oralidade popular, como “drumindo” (forma reduzida de “dormindo”), “finar” (em vez de “final”) e “cas história” (por “com as histórias”). Essas formas revelam uma economia linguística comum nas variedades faladas do português, especialmente nas rurais. Segundo Bechara (2009), esse fenômeno está ligado à elisão, que é “a supressão de vogais em encontros vocálicos, quando se fala com rapidez ou naturalidade”. Embora a cena seja representada com tom afetoso, a construção do humor ainda reforça uma visão romantizada e simplificada da fala rural, que pode acabar sugerindo ingenuidade ou limitação intelectual. Contudo, como argumenta Bagno (1999, p. 103),

todo mundo fala de um modo que tem explicações fundadas na história da língua, na história de quem fala essa língua, e falar diferente, como venho insistindo o tempo todo, não quer dizer falar errado.

O preconceito nasce, muitas vezes, da idealização da escrita como modelo único de correção, desconsiderando que a linguagem falada segue regras próprias e legítimas. Segundo Bagno (1999, p. 104):

Existe uma tendência muito forte na nossa escola de querer obrigar o aluno a pronunciar a língua do jeito que se escreve, como se essa fosse a maneira certa de aprender o português. Muitas gramáticas e muitos livros didáticos chegam a aconselhar o professor que corrija quem fala “muleque”, “burracha”, “fidido”, como se isso pudesse anular o fenômeno da harmonização, um fenômeno natural e muito antigo da história do português.

Sobre esse ponto, Bagno (1999, p. 104) observa que a “letra E, por exemplo, é um símbolo que pode estar representando o som ê, como em TELHA, o som é, como em VELHA; o som i, como em MOLE”, evidenciando a natureza diferente entre representação gráfica e aspectos fonológicos. Além disso, BAGNO (1999, p. 105) lembra que

a forma escrita de uma língua, de qualquer língua do mundo, também tem esse caráter simbólico; também é uma representação única para interpretações variadas.

Essas reflexões revelam o quanto é equivocado associar as formas populares da fala à ideia de erro. Ao contrário, são expressões legítimas de identidade cultural e social, que precisam ser compreendidas e respeitadas no ambiente escolar e na sociedade.

Quadro 6 - História 5

História 5



Contexto	Excerto da fala	Traços linguísticos	Observação da comparação realizada com a variedade de prestígio	Possível preconceito	Observação

Chico corrigido pelo seu primo da cidade ao usar “ocê” em vez de “você”.	“Não! É ocê qui mora na cidade!”/ “Ah, sim! Craro!”	“ocê” “craro” “qui mora”	Desvio fonológico da variedade de prestígio: “craro”X “claro”.	O personagem da cidade corrige Chico com imposição da variedade de prestígio como única forma correta.	Mostra um julgamento explícito da variedade rural como inferior, revelando preconceito.
--	---	--------------------------------	--	--	---

Fonte: SCHUMACHER, A. J.; PORTELA, K. C. Uma análise sociolinguística da linguagem de Chico Bento em alguns quadrinhos de gibis. *Norte Científico*, Boa Vista, v. 4, n. 1, p. 76–84, dez. 2009. Disponível em: <https://www.ifrr.edu.br> Acesso em: 29 de maio de 2025.

Na quinta tirinha, Chico responde ao primo da cidade com “ocê num entende nada de nada!”. O uso do “ocê” é corrigido pelo primo, o que explicita o julgamento negativo sobre a variedade regional. A tentativa de correção do personagem urbano reflete a imposição da variedade de prestígio como única forma válida de expressão. Faraco (2009) argumenta que a variação linguística é parte constitutiva da identidade social e regional, e qualquer tentativa de apagá-la implica silenciar o sujeito que a carrega. Nesse sentido, essa correção simboliza a imposição da variedade de prestígio como única forma válida de expressão, prática comum em ambientes escolares e sociais. Como explica Bagno (1999), o preconceito linguístico está enraizado em uma longa tradição gramatical normativa, que ainda hoje influencia a forma como se ensina e se avalia a língua:

A doutrina gramatical tradicional, cristalizada nos compêndios normativos, é a fonte de onde jorra, há mais de dois mil anos, todo um conjunto de limites que configuram a ideologia do preconceito linguístico. [...] Os preconceitos estão de tal maneira impregnados na mentalidade das pessoas que a gente preconceituosa se torna parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de autoconscientização para que alguém comece a reconhecer suas próprias atitudes e passe a desmascarar os mecanismos subversivos que compõem a mitologia do preconceito” (Bagno, 1999, p. 114).

A partir de Bagno (1999), é possível perceber que essa crítica reforça a ideia de que o julgamento da fala de Chico Bento não é apenas uma questão de “erro gramatical”, mas um reflexo de uma ideologia que marginaliza os falantes de variedades populares, associando sua linguagem — e, por extensão, sua identidade — à ignorância ou à inferioridade social.

Quadro 7 - História 6

História 6					
					
Contexto	Excerto da fala	Traços linguísticos	Observação da comparação realizada com a variedade de prestígio	Possível preconceito	Observação

que, na verdade, são arcaísmos, ou seja, formas antigas da própria língua portuguesa. No livro, Irene afirma:

Pois acertou em cheio [...] São mesmo versos d'Os Lusíadas, do meu querido Luís de Camões" (Bagno, 1997, p. 119).

Esse trecho mostra que o que, muitas vezes, é considerado erro pode, na verdade, ter raízes legítimas e históricas na nossa língua. Assim como as palavras usadas por Camões e vistas como nobres, as formas populares presentes na fala de Chico Bento também carregam história, lógica e legitimidade linguística. Portanto, tanto a HQ quanto o trecho do livro reforçam a ideia de que o preconceito linguístico é sustentado por uma visão restrita e hierarquizante da linguagem, que desvaloriza as variedades populares sem reconhecer sua riqueza e funcionalidade.

A análise da tirinhas e HQs mostra marcas as quais são comuns na variedade rural e estão associadas a práticas legítimas de fala. Entretanto, o contraste entre o modo de falar da roça e o da cidade é usado como recurso humorístico que, seguidamente, camufla um julgamento de valor. Assim, as histórias, apesar de apresentarem os personagens utilizando uma linguagem coloquial, frequentemente, os retratam de forma afetuosa, o que pode contribuir para a valorização simbólica dessas falas. Todavia, fora do universo da ficção, essas mesmas formas costumam ser marginalizadas. Faraco (2009, p.47) alerta que “a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo. [...] não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica”.

Nesse contexto, a análise das tirinhas e HQs da Turma do Chico Bento evidenciou o uso marcante da variedade linguística rural, especialmente da fala caipira, com forte presença de fenômenos característicos dessa variedade. Além da elisão, também foram identificados traços linguísticos como o uso de pronomes fora da norma-padrão (“nóis” em vez de “nós”), o emprego do verbo “ter” em função existencial (“nóis temo visita”) e a ausência de flexões verbais

("nóis vai"), o que configura uma forma estruturada e funcional de comunicação, embora diferente da variedade de prestígio.

Tais usos são frequentemente alvos de preconceito linguístico, pois são interpretados como sinais de ignorância ou falta de escolaridade. No entanto, como salienta Bagno (2007, p.43), o preconceito linguístico "é a intolerância em relação às variedades populares da língua portuguesa, fundamentada na crença de que só a norma-padrão é correta e aceitável".

Os dados analisados apontam para a necessidade de se combater o preconceito linguístico por meio da educação. Trabalhar com tirinhas e HQs em sala de aula, por exemplo, pode ajudar os alunos a compreenderem que a linguagem varia conforme fatores sociais e regionais que determinam sua utilização e que todas as variedades da língua são igualmente legítimas, adequadas ao contexto em que ocorrem, sem que se deva hierarquizá-la.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como tema central a representação da linguagem do homem do campo nas tirinhas e HQs do personagem Chico Bento, explorando a forma como a fala rural é construída e percebida nesse universo ficcional. A escolha desse tema se justifica pela relevância da discussão sobre preconceito linguístico e valorização das variedades populares do português, especialmente em contextos de produção cultural que alcançam um amplo público, como as tirinhas e HQs da Turma da Mônica / Turma do Chico Bento.

O objetivo geral foi compreender e analisar os traços linguísticos marcadamente rurais presentes nas falas do Chico Bento e discutir as possíveis manifestações de preconceito linguístico nelas contidas. Como objetivos específicos, buscou-se identificar os elementos linguísticos da fala rural, observar a comparação que é realizada entre essas formas e as variedades de prestígio da língua portuguesa e refletir sobre as implicações sociais e culturais do estigma associado a essa variedade linguística.

Para a fundamentação teórica, utilizou-se um referencial da área da Sociolinguística, com destaque para autores como Labov, Bagno e Alckmim, que tratam da variação linguística, identidade social e preconceito. A metodologia adotada foi qualitativa, combinando pesquisa bibliográfica e análise textual das histórias selecionadas, que apresentaram a linguagem rural de forma sistemática e diversificada. Os critérios de seleção priorizaram a presença explícita da fala do personagem, o protagonismo linguístico no enredo e a existência de situações que evidenciam julgamentos ou contrastes linguísticos.

A síntese dos resultados mostrou que a linguagem do Chico Bento incorpora características fonológicas, morfossintáticas e lexicais típicas do meio rural, como a elisão, o uso de pronomes fora da variedade de prestígio e a ausência de flexões verbais formais. Essas características são frequentemente exploradas para fins humorísticos ou afetivos nas tirinhas e HQs, porém refletem também estereótipos e preconceitos linguísticos presentes na sociedade, sobretudo quando a fala rural é corrigida, ridicularizada ou tratada como inferior à variedade prestigiada.

Esses achados reforçam a importância de uma abordagem crítica e inclusiva da variação linguística, destacando que nenhuma variedade da língua é intrinsecamente errada ou inferior. A valorização da fala rural, compreendida como expressão de identidade social e cultural, pode contribuir para o combate ao preconceito linguístico e para a promoção de uma educação mais plural e democrática.

Dessa forma, este estudo evidencia o potencial das tirinhas e HQs como recurso pedagógico para a sensibilização dos alunos acerca da diversidade linguística e dos preconceitos associados, estimulando o respeito às diferentes formas de expressão e a compreensão da língua como um fenômeno dinâmico e multifacetado.

9. REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolingüística – Parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001

LABOV, William. **Padrões Sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, pp. 214-299, 1972.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação lingüística. São Paulo: Parábola, pp. 87- 118, 2007.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 16. ed. 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 1997.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999

BARRETO, Débora Aparecida dos Reis Justo; MASSINI-CAGLIARI, Gladis.

Vestígios do português arcaico no português brasileiro. **Revista do GEL**, v. 13, n. 2, p. 79-96, 2016. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/1873>. Acesso em: 23 de maio de 2025.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2009. Disponível em: https://www.professorjailton.com.br/novo/biblioteca/BECHARA_ModernaGramaticaPortuguesa.pdf. Acesso em: 31 de maio de 2025.

BERTOLDO, Juciene. **Português – 1º ano – Ensino Fundamental**. [S.l.]: [s.n.], 2014. Disponível em: <https://jucienebertoldo.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/02/portugues1ef.pdf>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

BRAINLY. **Tirinhas do Chico Bento com traços da fala caipira**. Disponível em: <https://brainly.com.br/tarefa/42953745> Acesso em: 29 de maio de 2025.

DAMASCENO, Marli Ferreira de Carvalho; SAMPAIO, Raqueline Castro de Sousa. **A representação das variações linguísticas na fala de Chico Bento, de Maurício de Sousa**. ResearchGate, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-tirinha-do-Chico-Bento_fig3_362009457. Acesso em: 29 de maio de 2025.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

QCONCURSOS. **Questão com tirinha do Chico Bento**. 2025. Disponível em: <https://www.qconcursos.com/questoes-de-concursos/questoes/a4caadf9-0c>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

SOUSA, Maurício de. Tirinha do Chico Bento. [S.l.]: QConcursos, [s.d.]. Disponível em: <https://www.qconcursos.com/questoes-de-concursos/questoes/b89f078f-d0>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

SCHUMACHER, A. J.; PORTELA, K. C. Uma análise sociolinguística da linguagem de Chico Bento em alguns quadrinhos de gibis. ***Norte Científico***, Boa Vista, v. 4, n. 1, p. 76–84, dez. 2009. Disponível em: <https://www.ifrr.edu.br>. Acesso em: 29 de maio de 2025.